

ARTE . VISUAL . ENSINO
Apoio Pedagógico Virtual

Professor Doutor

Isaac Antonio Camargo

GESTÃO EM
ARTES VISUAIS

Apresentação.

Parte 1

Curso de Artes Visuais
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Considerações necessárias ao Material de Apoio Pedagógico*

Estudantes, este conjunto de Unidades Pedagógicas é o *Material de Apoio Pedagógico* com os conteúdos desta disciplina. É também um reforço e complementação de estudos.

Os textos são mais extensos e explicativos, o material bibliográfico é citado ao término de cada conjunto de telas no intuito de complementar os conteúdos e informações de cada unidade/parte e, ao final de cada conjunto, há também uma série de questões destinadas a reforçar os conteúdos apresentados e aferir conhecimentos.

Com isto as leituras dos textos indicados e as respostas aos questionários além de atuarem como reforço facilitam a apropriação e construção do conhecimento necessário ao processo de Ensino-Aprendizagem na disciplina requerido pelo desempenho acadêmico, ao mesmo tempo, auxilia o processo de avaliação que será realizado no decorrer do semestre.

****Enquanto perdurar o Ensino Remoto, a aferição de presenças será feita a partir da remessa semanal de cada questionário que se encontra no final de cada Parte para meu endereço institucional:***

isaac.camargo@ufms.br

A questão da Gestão em Arte Visual compreende diferentes enfoques e abordagens. Tendo isto em vista, é necessário fazer escolhas para o desenvolvimento dos estudos nesta área.

Neste sentido a opção para o encaminhamento da disciplina toma como base e referência a História da Arte e o percurso da Arte Visual em busca de sua autonomia estética, conceitual e social, a partir dos modos como ela foi gerida ao longo do tempo.

As manifestações artísticas visuais estiveram, em boa parte de sua existência, à serviço e atreladas aos interesses e gostos do poder dominante. Raramente tiveram oportunidade de atuar de acordo com seus próprios interesses e proposições. Pode-se dizer que foi o advento da Modernidade que possibilitou um pouco mais de liberdade para a atuação dos artistas a partir de seus próprios interesses.

Embora a Arte e a Sociedade sejam uma coisa só é necessário distinguir quando os interesses e distinções vigentes na sociedade de uma ou outra época valorizam ou priorizam o fazer da Arte ou os interesses emergentes da Sociedade, sejam eles culturais ou econômicos.

É impossível que a Arte seja independente do meio social e cultural no qual surge e se desenvolve, mas também é necessário ponderar, relativizar tais relações no sentido de aferir o nível de autonomia que a Arte Visual conseguiu obter no contexto atual.

Pode-se dizer que, quanto se libertou do jugo dominante da sociedade e conseguiu maior liberdade, quanto de individualidade obteve apesar das ingerências sociais às quais está sujeita enquanto fenômeno social.

O percurso pedagógico aqui adotado será baseado em conteúdos técnicos e seguirá o caminho da história e os acontecimentos que orientaram a constituição da Arte Visual como um Sistema no qual a Gestão é parte integrante da administração de Patrimônio Cultural, Circuito de Difusão e Sistemas de Comercialização.

Ementa:

Reflexões sobre as possibilidades de atuação profissional para o bacharel em Artes Visuais, abordando aspectos mercadológicos, de produção e gestão artístico-culturais, públicas e privadas.

Programa:

1. O conceito de Gestão.
2. O Sistema de Arte e seus componentes.
3. O bacharel em Artes Visuais e seus campos de atuação.
4. Instituições em Artes Visuais: gestão, conservação, estímulos e difusão.
4. Mercado de Arte: incentivo, promoção, investimento e especulação.

Bibliografia Básica:

- CUNHA, M. Helena. Gestão Cultural - Profissional em Formação. Belo Horizonte: Duo Editorial, 2007.
- MALAGODI, M. E.; CESNIK, F. de Sa. Projetos Culturais. São Paulo: Escrituras, 2004.
- PINHO, D. B. Mercado de Arte - Ensaio de Economia da Arte. São Paulo: Esetec Editores, 2009.

Bibliografia Complementar:

- BRANDT, Leonardo (org). Políticas culturais, volume 1. Barueri-SP: Manole, 2003.
- MOULIN, R. Mercado da Arte. Porto Alegre: Zouk, 2007.
- ZANCHETI, S. M. Gestão do Patrimônio Cultural Integrado. Pernambuco: CECI 2002.

1. O conceito de Gestão.

Gestão, do latim, *gestio*, ação, reger e orientar costuma significar processos de gerir, executar, realizar ações para atingir objetivos. Portanto é entendida por gerenciamento, administração de processos ou instituições, empresas, entidades sociais que precisam ser geridas ou administradas.

É uma área das ciências humanas que busca fazer com que as pessoas ou organizações atinjam seus objetivos com os recursos de que dispõem.

Em termos práticos, gestão pode ser definida como um conjunto de tarefas para atingir objetivos propostos a partir de recursos disponíveis. Historicamente a Gestão está ligada aos Sistemas de Administração.

Em outras palavras, gestão é a capacidade de administrar, realizar ações em número, grau e performance para que o indivíduo, organismo, instituição ou sistema obtenha o que se espera dele.

Embora a produção artística exista desde os primeiros tempos da humanidade, a Gestão desta atividade como sistema formal é mais recente e, nem sempre, entendida como uma área ou campo de atuação ou conhecimento na área de Arte Visual.

A especialização que a produção, difusão e conhecimento que a Arte Visual desenvolveu nos últimos séculos exigiu também a especialidade de seus produtores, mercadores e apreciadores.

Assim a Gestão no contexto da Arte surge como um conjunto de condutas e comportamentos que, aos poucos, vai se aprimorando por meio de outras categorias que orbitam em torno da produção artística.

Contudo, historicamente, é necessário recuar para bem antes disso na tentativa de compreender melhor esta área.

Para isto pode-se falar da Arte antes da Arte.

Falar em Arte antes da Arte não quer dizer que ela não existisse, apenas que a maneira como a compreendemos hoje, não corresponde ao que se pensava na pré-história, na Antiguidade ou na Idade Média, por exemplo.

É difícil saber o que se pensava em relação à Arte na pré-história, mas pode-se dizer que era algo completamente afastado de qualquer interesse de caráter material objetivo.

As motivações para criar imagens na pré-história ponderam sobre componentes mágicos na medida em que compunham estratégias propiciatórias, como aceitamos entender hoje em dia. Nesse caso, não parecia haver qualquer interesse que não fosse o de atender às necessidades de sobrevivência. Neste sentido tanto a produção quanto a destinação das manifestações artísticas se referiam ao compartilhamento social, existia em benefício do grupo.

Na antiguidade a coisa muda, os interesses não são os da sobrevivência mas sim a demonstração do poderio das nações. Cada rei, imperador ou sacerdote utilizava as imagens como narrativa de seus feitos para catalisar as motivações e direcionar o poder em seu benefício e domínio. Os artistas são artesãos especializados a serviço do poder mantidos por ele.

Cabe lembrar que o poder na antiguidade era obtido e mantido por meio das guerras e os grandes líderes eram, em geral, guerreiros. Conquistar territórios implicava em dominar outros grupos e, exercer sobre eles, o poder. Um dos modos de relatar isto para as novas gerações era por meio das imagens. As grandes civilizações da Antiguidade usavam a Arte para isto.

Na Idade Média o poder passa a ser compartilhado com a Igreja nascente que domina parte dos territórios antes pertinentes ao Império Romano. Sem tradição bélica, suas referências são a religiosidade cristã fazendo dela seus dogmas e tema de dominação. Assim as imagens usadas pela igreja não recorrem aos feitos dos guerreiros e heróis, mas aos santos e mártires. Seus produtores ainda são artesãos anônimos, em geral, vinculados às ordens religiosas que fundavam e mantinham os templos.

No princípio, quando Cristianismo não era aceito pelo Império Romano, as manifestações artísticas eram realizadas nas Catacumbas de modo precário e pouco elaborado. Com a incorporação do Cristianismo pelo Império Romano, a Arte passa a ser feita em maior quantidade e a ocupar mais espaços públicos, no entanto não perde a simplicidade e a espontaneidade original já que o foco era a espiritualidade e não a materialidade.

Até a Idade Média a Gestão em Arte era realizadas pelos Mestres proprietários das oficinas que eram vinculados às Guildas ou Corporações de Ofícios que, ao agrupar produtores, definiam critérios de produção, valores e controle sobre artistas e o mercado, nesse caso, a Gestão se refere à ação das Guildas. Os artistas eram pagos em relação à prestação de serviço, como qualquer artesão especializado.

A prestação de serviços era um dos meios pelo qual a produção artística era realizada, outro era a doação espontânea de populares, religiosos e membros das ordens como os freis copistas confinados nos conventos ou mosteiros.

Era comum a ilustração dos Livros de Horas, orações, por meio de Iluminuras, como também os retábulos dos altares. Serviços de baixa ou nenhuma remuneração.

Durante a maior parte da Idade Média a Arte continuou sendo uma atividade artesanal vinculada à habilidade do prestador e, na maioria das vezes, anônima. Em geral o que se tem como referência histórica são os lançamentos de pagamentos de serviços de ornamentação nos tombos das igrejas e conventos, das instituições religiosas, mas nem sempre quem recebia a paga era quem executava a obra, poderia ser um intermediário ou dono de um ofício.

Foi a partir do Renascimento que a transição entre a Guilda e a Academia vai se configurar e assim o anonimato é substituído pela autoria e o autor é reconhecido como uma personalidade social cujo status se desloca do artesanato para a nobreza.

Com isto pode-se dizer que os primeiros elementos da Gestão em Arte começam a se configurar. Portanto, a Gestão em Artes Visuais se inicia no momentos em que se delimita um Sistema de Arte mais organizado.

O Sistema de Arte e seus componentes.

Do grego *σύστημα* *systemā*, do latim *systema*, é um conjunto de elementos interdependentes que se constituem como um todo organizado.

Nas ciências sociais, algumas abordagens, como as dos autores marxistas, consideram o sistema econômico como determinante dos demais sistemas sociais.

Hegel (Georg Wilhelm Friedrich Hegel, Stuttgart, 1770-1831, Berlim) foi um dos filósofos que mais se preocupou com a Arte, a Estética e o funcionamento do Sistema de Arte como o conheceu.

Embora a concepção de Sistema de Arte como o conhecemos hoje não fosse objeto de estudo de Hegel, ele foi o primeiro autor a tocar nesta questão.

Todo sistema é composto por partes integrantes e integradas. O Sistema de Arte, como outros, é composto por diversos elementos. Talvez apenas a pré-história não possa ser analisada sob a ótica de um sistema, mas a partir das primeiras civilizações já se pode identificar algo parecido com isto.

Para que este sistema surja há que se considerar a presença de, pelo menos, três elementos ou instâncias:

Um deles é o dos produtores, artistas que sejam capazes de realizar Obras de Arte; de outro os que tenham interesse em apreciar, obter ou consumir Obras de Arte e, entre estes dois lados um estágio ou processo de intermediação que possibilite a relação entre eles. Portanto, para efeito de estudo, podemos nomear aqui três instâncias: Produção, Mediação e Destino. Com isso pode-se conseguir estudar melhor o que se entende hoje por Gestão.

Entende-se assim que para se identificar ou configurar um Sistema de Arte é necessário reconhecer a existência de três instâncias constitutivas: a do Produtor, do Mediador e seu Destino.

De modo geral pode-se identificar os Produtores como artistas, artesãos e prestadores de serviços responsáveis pela produção material das Obras de Arte;

Como Mediadores pode-se considerar os intermediários, ou seja, aqueles que requisitam, propõe, comercializam, difundem ou as preservam, entre eles os marchands, curadores e gestores que administram processos de interação e difusão artística; por fim, aqueles que constituem o Destino final das Obras de Arte, seus Destinatários, sejam eles pessoas ou instituições.

Esta última instância talvez seja a mais complexa pois se constitui de diversos sistemas e interesses. Nesse caso devem ser estudados em cada uma de suas nuances.

Nela concorrem tanto as instituições que pesquisam, coletam dados e informações sobre Arte, mantêm museus e galerias como também os que colecionam e comercializam e especulam com Arte.

Enfim, pensar a Gestão é pensar sobre tudo isso e muito mais...

Embora este seja um Sistema complexo cujos elementos se desdobram em outros tantos, podem ser analisadas as várias categorias que englobam estes elementos pelas semelhanças entre si para, assim, entendê-los melhor.

Uma primeira categoria compreende a Produção e no polo oposto, o Destino ou Consumo. Entre elas há uma categoria intermediária, composta por Mediadores, como os marchands e colecionadores.

Mesmo que a composição do sistema revele uma certa estabilidade, nem sempre os modos de operação de cada uma destas instâncias é estável, podendo variar em cada época e lugar.

Cada sociedade na qual a Arte surge é que dá o tom para que ela exista do modo como existe.

Para entender o todo é necessário tomar cada elemento deste Sistema como base de análise para sua compreensão.

Há diferentes motivações para que se criem Obras de Arte, sejam sociais ou pessoais. As pessoais parecem mais subjetivas, contudo, nem sempre dizem respeito às necessidades dos indivíduos em relação à sua personalidade ou seus interesses e valores próprios, mas ao contexto ou ambiente onde são criadas. Questões individuais ou estilísticas podem transparecer ou não nas obras que os artistas criam dependendo do momento e das condições sociais em que são produzidas, mas não é uma condicionante.

Grande parte da História da Arte mostrou obras anônimas. Obras que eram realizadas a mando ou a serviço de sistemas de poder dominantes e totalitários. Nestes momentos as criações artísticas respondiam aos interesses da sociedade da qual faziam parte e não de suas vontades ou interesses individuais.

O sistema dominante é que definia o que e porque fazer, o artista era mero executor.

A partir do Renascimento os artistas passaram a ser respeitados por suas qualidades pessoais, sua autonomia, personalidade, autoria e estilo que perdura até o século XIX quando o advento do Modernismo quebra as regras da tradição e instaura os processos investigativos e também intensifica a presença da individualidade, da personalidade e das idiossincrasias na Arte. A partir daí há maior autonomia na produção e destinação das Obras de Arte.

As motivações sociais decorrem do meio do qual o artista faz parte. Nesta situação, sua individualidade é obliterada, apagada ou suplantada pelas demandas do contexto no qual vive.

Isto inclui o que se disse em relação aos interesses dos regimes de poder totalitários que determinam o que fazem os artistas nestas situações, momentos e ambientes.

Dai a condição social da Arte e do Artista.

Além das demandas sociais externas ao indivíduo pode-se pensar também no engajamento que alguns movimentos ou artistas propõem por meio de suas obras como modo de estabelecer diálogos ou confrontos com os ambientes sociais nos quais vivem.

Podem fazer parte dos temas sociais a repressão social ou política, a exclusão ou preconceitos como racismo, sexualidade e demais transformações da ordem e dos costumes que mobilizam e evocam valores coletivos que podem se mostrar nas Obras de Arte.

Para entender melhor a questão do Produtor ou do artista deve-se tentar responder a uma questão de base:

O que é um Artista?

Como se configura esta personagem no contexto da História da Arte?

Quais são os requisitos para que seja assim considerado?

Tais requisitos sempre foram os mesmos ou se transformaram ao longo do tempo?

Enfim o que se sabe dele e quanto ele importa no contexto social?

A resposta a estas questões podem auxiliar a compreensão do Sistema de Arte como tal e, conseqüentemente, da Gestão desse sistema.

Este é um dos objetivos da disciplina: identificar os elementos que constituem o sistema de Gestão em Arte Visual.

Para responder às questões aqui colocadas é necessário começar olhando para trás.

Admite-se que a Arte Visual tenha surgido com os primeiros seres humanos na Pré-história, no Paleolítico Superior, há mais ou menos 30.000 anos.

Para criar as primeiras imagens os seres humanos partiram da observação do meio no qual viviam e, para configurá-las se apropriaram daquilo que tinham à sua volta:

gravetos incinerados, minerais, vegetais, gordura animal e suas mãos colocando-as na prática de configurar nas paredes das cavernas, nas quais se abrigava, imagens dos animais que via e tinha à sua volta.

Supõe-se que tais imagens eram destinadas à Magia Simpática ou Propiciatória, no entanto, são hipóteses.

Embora seus conhecimentos fossem ainda muito rudimentares, é necessário reconhecer que, para configurar tais imagens, dependia de habilidades que implicavam em domínios manuais, ou seja, psicomotores e também de capacidade cognitiva de observação, memória, raciocínio luminoso e espacial, ou seja, requeria capacidade intelectual e motora.

Tendo isto em vista pode-se admitir que aquelas pessoas eram tão capazes para a criação quanto são as de hoje em dia.

Portanto, o acúmulo de conhecimento promoveu a qualificação e intensificação da produção artística, mas sua essência gerativa ou motivadora já se manifestava desde os primeiros momentos da humanidade às quais passou-se a chamar de artistas.

Desde os primeiros momentos da humanidade, o ser humano é capaz de observar o entorno, de converter informações luminosas em imagens e depois configurá-las na superfície das cavernas.

É capaz de plasmar imagens sem tê-las em presença. Tem memória visual suficiente para trabalhar no interior de uma caverna em baixa iluminação, em posições extenuantes e, mesmo assim, criar imagens fantásticas do que via no meio natural.

Mesmo que não se saiba exatamente o que motivou a criação e confecção de tais imagens, tampouco se quem as fez foram os homens ou as mulheres. Supõe-se que fossem parte de rituais propiciatórios para caça ou fertilidade.

Independente dos motivos, é importante reconhecer que os componentes plásticos, poéticos e também estéticos já se mostram naquelas imagens.

De lá para cá foi apenas uma questão de aprimoramento ou de conceitualização.

As Manifestações Artísticas, como se sabe, só produzem sentido se realizadas, constituídas por meio de substâncias expressivas dentro de suas modalidades próprias e em suas poéticas. No entanto, nem sempre, esta foi a compreensão aceita ou compartilhada. Inicialmente o artista era o artesão que dominava as habilidades motoras para a realização de objetos conceituais, simbólicos ou ornamentais.

A função intelectual do produtor de arte só vem a se tornar reconhecida a partir do Renascimento e até o século XIX as atividades do artista eram configuradas e dependentes de suas habilidades motoras e artesanais.

A Modernidade liberta a motricidade da produção artística cuja consequência é a instauração, intervenções e performances tratadas como proposições e não mais como objetos.

Considerando tais transformações, hoje em dia, os artistas são conceituados de modos diferentes do que eram nos séculos anteriores, logo, compreender a Arte atual implica também em compreender os modos por meio dos quais ela é realizada e, como consequência, entender as *Estratégias Discursivas* adotadas por eles.

A mudança de status social ou estado do artista, também decorre ou implica em mudanças dos estatutos do Sistema de Arte, seus meios de realização e manifestação.

Logo, falar sobre o Artista não é simples, dada a diversidade e complexidade dos fazeres da Arte.

Para o contexto da tradição artística bastava reconhecer as habilidades de reproduzir/criar imagens que dialogassem com o mundo natural e com as tematizações requeridas pela sociedade de seu tempo, atualmente isto não basta. Embora ainda se reconheça o valor do domínio de habilidades para a manipulação de instrumentos e materiais para a criação artística, especialmente na realização de objetos, isto não é uma prioridade na produção contemporânea.

A expansão dos procedimentos criativos do fazer manual para o corpo, para o ambiente, o espaço, as performances e atuações destituíram quase que por completo a “objetualidade”.

Não se requer a construção de objetos nos quais a “artisticidade” resida, mas de manifestações.

Tais manifestações não requerem mais a materialidade física de um objeto, mas a instauração, intervenção, instalação, ocorrência de um evento que mobilize a atenção, participação, interação com algo, alguma coisa ou alguém que mobilize a interação, participação, apreciação, fruição ou simplesmente a constatação de que transformações espaciotemporais podem ser Arte.

A “artisticidade” não reside apenas nos objetos como antes, mas também nas proposições, atitudes e performances realizatórias. As manifestações de Arte atuais nem sempre tem corpos físicos e materialidade, podem ser apenas um momento, uma atitude, uma ação que esvanece no tempo e no espaço.

Arte é mais essência e cognição e menos objetos e manufatura.

Logo, saber o que é ou não um “artista” é antes identificar os procedimentos dos quais se utiliza para performar, fazer, realizar, empreender, promover, produzir “Obras de Arte” que, por sua vez não são só coisas, mas estados, circunstâncias e situações, então é necessário identificar critérios para classificação e não apenas para nomeação.

Os critérios utilizados para isto mudam de acordo com a compreensão ou interesse de quem os usa.

Para os estudiosos basta se o criador se dedica às manifestações estéticas que dialogam com a contemporaneidade mas, para o crítico, nem sempre uma atitude mais aberta atende aos seus critérios de julgamento. O mesmo pode ser dito dos marchands, dos galeristas e especuladores.

As instituições, por sua vez, dependem de recortes de ordem técnica, políticas ou conceituais com as quais convivem ou pactuam para admitirem a presença de um ou outro produtor, de uma ou outra obra.

Enfim, este universo nebuloso que se considera o da Arte atual depende, e muito, da educação e do ensino tanto dos produtores quanto dos fruidores.

Genericamente é chamado de Artista alguém que produz algo que corresponde ao que a sociedade considera Arte. Entretanto, nem sempre a sociedade entendeu a Arte da mesma maneira.

Na pré-história pode-se dizer que o sujeito que produzia o que chamamos, posteriormente de Arte, possuía habilidades cognitivas e psicomotoras para realizar imagens.

Entretanto, tais imagens, antes de serem produzidas para viabilizarem valores estéticos e conceituais, eram destinadas a rituais de caráter propiciatório e simbólico, logo, não eram o tipo de Arte que se considera hoje em dia, tampouco o sujeito que a produzia poderia ser chamado, então, de Artista, seria no máximo um Xamã ou feiticeiro...

Na antiguidade o pouco de simbolismo que restou da Arte pré-histórica foi absorvido pela propaganda ideológica e política que servia à manutenção do poder dominante, fosse dos Faraós e seus sacerdotes, do domínio grego ou do império romano para a criar ou auxiliar a manutenção do poder adquirido. Assim a Arte participa dos Palácios, Templos e Túmulos enaltecendo seus governantes.

Ainda na sociedade medieval o regime feudal e o domínio religioso também mantiveram a Arte atrelada aos seus interesses e sem liberdade para expressar os anseios ou interesses dos grupos minoritários.

Durante todo este tempo os Artistas eram artesãos especializados na prestação de serviços dedicados à produção de imagens destinadas à ornamentação e relatos sobre os detentores do poder.

Embora cumprindo funções ideológicas e decorativas, as manifestações decorrentes da Arte revelam também a práxis de seus produtores por meio de suas habilidades técnicas ou plásticas, esta é a *constante* que tem se revelado desde estes períodos. O problema é que estas habilidades eram construídas individualmente ou definidas pelas Guildas e corporações de ofício.

A formação destes produtores era realizada de modo informal e conduzida pelos proprietários das oficinas dos diferentes ofícios em troca da acolhida e de alimentos para os Aprendizes. Mestres, Oficiais e Aprendizes eram as funções típicas destes ambientes destinados a produzir as imagens que ocupavam os espaços públicos ou privados.

A grande mudança deste perfil subserviente vai ocorrer no Alto Renascimento com a criação das Academias de Arte. A partir daí este ensino passa a ser sistematizado e valorizar, além das habilidades técnicas, o conhecimento sobre filosofia, história e geometria. A partir daí surge o conceito de Artista como passamos a entender e a debater.

O ensino Acadêmico não dispensa as habilidades manuais e artesanais ao contrário, ele as aprofunda e especializa ao ponto de torná-las uma referência no campo da Arte e constituir as Escolas estilísticas clássicas como a do próprio Renascimento as do Maneirismo, Barroco e do Neoclassicismo francês constituída pelas Belas Artes da qual também herdamos o estilo.

Voltando à questão do Artista, a versão novecentista é a que ainda perdura, apesar da passagem do tempo e das transformações estéticas que a Modernidade e Pós-modernidade trouxeram para a Arte atual. Tomando por referência o recorte da tradição, entende-se o Artista como alguém capaz de transformar algo em sentido, em expressão, em Arte.

A versão tradicional investe na habilidade técnica e na performance estética como prioridade para o fazer da Arte. A significação de tudo o que o artista faz está confinada e contida mais nos objetos de Arte que realiza e menos nos conceitos que os orientam. Dai a validação maior de seu trabalho por meio das habilidades que demonstra.

Entretanto os domínios necessários a um artista compreendem as habilidades de caráter cognitivo, mas ainda e em algumas circunstâncias, também se esperam domínios psicomotores. Desde as Vanguardas Históricas as questões da motricidade estavam centrados na Plástica e em suas manipulações e transformações.

Aos poucos a questão da plasticidade vai deixando de ser prioritária.

Entram e cena as articulações, performances, atitudes, intervenções que não dependem necessariamente dos fazeres manuais, mas de organização conceitual, espacial e performativa as Obras de Arte deixam de ter corpos e se tornam circunstâncias e situações.

Na Pós-modernidade, a Arte de cognição, baseada em proposições, é chamada de Arte Conceitual e passa a orientar boa parte das manifestações contemporâneas. Se, por um lado, não exige tanto as habilidades do fazer manual, por outro exige a intelectualidade.

Neste sentido o artista atual não é mais o “fabricador” de objetos e obras corpóreas e se torna o gestor de ideias, projetos e potencialidades tornando-os viáveis de várias maneiras, seja por meio da visualidade, de instalações, interações ou atividades promovendo a participação coletiva e compartilhamento. O foco, conduta e função do artista mudam.

Identificar hoje a categoria de Artista requer o conhecimento de várias instâncias desde os processos constitutivos que decorrem ou recorrem tanto aos meios tradicionais quanto atuais para a produção/realização de Obras de Arte.

Os Artistas atuais, diferentes dos *mixed media* modernos são hoje os multimídia contemporâneos.

Pode-se dizer que a melhor referência para identificar tais profissionais seria identificar pessoas que investem na *produção estética*, atividade por meio da qual são geradas *Obras de Arte*, em diferentes níveis e contextos, lançando mão dos diferentes saberes e fazeres e, na falta de melhor expressão, pode-se continuar chamando-as de Artistas.

Mantendo o raciocínio proposto, o segundo elemento ou instância que se apontou aqui é o do Mediador.

Como já dito, a mediação é o estabelecimento de uma ligação, relação de reciprocidade ou interatividade entre as duas instâncias polo que são a do produtor e a do apreciador: Destinador e Destinatário.

Recorrendo ao exemplo da Arte na pré-história, pode-se dizer que naquele período estas instâncias eram superpostas e compartilhadas pelo grupo social no qual aquelas obras surgiram, pela simples razão de que as obras eram destinadas à sobrevivência como uma meta do grupo e não do indivíduo, a ele cabia apenas garantir ou, pelo menos, propiciar isto.

Neste caso o criador também assume a função do Mediador. É ele quem estabelece uma relação ou interação entre a criação e a mediação já que a apreciação daquela produção não é seu destino final. Pode-se admitir a crença na existência de um Destinatário sobrenatural, intuído e instituído por meio das intercorrências das forças naturais que desconhecia, mas tinha a esperança de controlá-las ou, pelo menos, apaziguá-las.

A configuração desta instância varia de acordo com as condições nas quais ocorre, assim como os outros dois elementos. O mediador pode estar ora mais ao próximo do destinador, ora do destinatário.

Se na pré-história o mediador se superpunha de algum modo ao destinador, na Antiguidade pode se superpor ao Destinatário.

Um exemplo simples pode ser retirado da Arte Egípcia. A construção de um templo, palácio ou túmulo implicava numa logística complexa e completa. Tanto a construção e quanto a ornamentação faziam parte de um mesmo projeto conceitual (político/espiritual) e estilístico (formal).

Quem determinava o que e como fazer era o império, o faraó e seu séquito, para que seus executores, os arquitetos e artesãos apenas cumprissem tais prescrições.

Nesse caso há uma superposição quase integral do Destinatário com o Destinador e os arquitetos e artesãos parecem ser os Mediadores.

Saindo do ambiente da Antiguidade e passando pela Idade Média, percebe-se que as circunstâncias determinantes da produção artística não mudam muito e se mantêm parecidas com as anteriores.

O grande diferencial é o surgimento das Guildas, um fator importante para a análise da produção artística nesse período.

As Guildas são Corporações de Ofícios, ou seja, grupamentos sociais destinados a reunir profissionais da mesma área. Assim existem Guildas de produtores em diferentes áreas: dos ferreiros, armeiros, costureiros, construtores e artistas ou melhor, artesãos especializados em produzir imagens destinadas à ornamentação.

Pode-se pensar que a Guilda dos artistas fosse a mesma dos arquitetos e construtores. Neste campo existiam as Lodges, associação de construtores que cooperavam os serviços de construção e ornamentação. Só em fins da Idade Média com a ascensão da burguesia é que os artistas passam a ter suas próprias oficinas e Guildas especializadas.

Na Idade Média as Guildas são as mediadoras, estabelecem a relação entre os destinadores e destinatários e, mais importante, definem também a qualidade da produção.

Um produtor só pode exercer o seu fazer se autorizado pela Guilda especializada, assim a Gestão artística depende dela.

Como visto, não há autonomia criativa ou autoral na Idade Média, logo, a Gestão em Arte é uma coisa corporativa e nada individualizada.

A conquista da autonomia só vai iniciar a partir da Idade Moderna, com o Renascimento em função da criação das Academias, fundadas para formar artistas.

Não significa que as Academias mudassem o comportamento corporativo das Guildas, num primeiro momento se comportam do mesmo modo, mas aos poucos vão se tornando ambientes realmente dedicados à formação técnica e humanística e não só à produção. Tematicamente as obras não se afastavam do que vinha sendo feito desde a antiguidade greco-romana.

A Mitologia e os feitos dos monarcas, suas conquistas e batalhas, ainda eram mantidos como fontes de inspiração. A estes assuntos foram acrescentados os do cristianismo, incorporando a vida de Cristo, sua paixão e seus mártires. Além disso, retratos, natureza morta, paisagens e outros temas ornamentais vão surgir. No Renascimento os doadores, mecenas e demais adquirentes de Obras de Arte passam a incorporar os temas e participar das figurações.

Foi exatamente o Renascimento que possibilita o surgimento da primeira geração da Gestão em Arte através da criação dos aparatos destinados à valorização e consolidação da Arte como uma das atividades mais importantes da humanidade.

Tais aparatos correspondem ao surgimento de algumas coisas importantes: a criação das Academias, o surgimento do Mecenato e o Colecionismo.

A produção artística, ao sair da artesanaria e ascender ao nível social da nobreza, da igreja e dos comerciantes e banqueiros da Idade Moderna, também inaugura um comportamento requintado das classes poderosas: a subvenção a criação artística: o Mecenato e, conseqüentemente, o Colecionismo.

Tecnicamente a partir do surgimento das Academias a formação especializada em Arte vai contribuir para a qualificação desta produção e as habilidades e performances dos artistas se tornam um elemento de valor importante para distingui-los uns dos outros. Alguns se distinguem pela habilidade técnica, outros pela competência social e política junto aos Mecenas.

O Mecenate é um comportamento que se consolida e amplia no contexto do Renascimento.

A subvenção cultural destinada aos escritores e artistas pelos nobres e poderosos instaura um novo momento para a Arte e a cultura de modo geral.

É este comportamento que contribui para a instauração tanto do colecionismo quanto do mercado de Arte.

Assim a nobreza, o clero e burgueses empoderados se tornam os *Destinatários* da Arte e passam a promover artistas e adquirir Obras de Arte como uma forma de distinção social, assim surgem grandes coleções que, posteriormente vão subsidiar as galerias e museus de Arte. Neste mesmo contexto é necessário incorporar na mediação a atuação do mercador de Arte.

Inicialmente um comerciante de vários produtos importados ou locais e, depois, especializado em Arte: o Marchand.

Entende-se assim que as primeiras condutas relativas ao que chamamos hoje de Gestão em Arte se iniciam no Renascimento. Para constituir uma boa coleção era necessário reunir informações diversas sobre as obras, os artistas e o potencial de manutenção e repasse de tais obras, criando, deste modo, um primeiro sistema de produção e distribuição.

Portanto pode-se dizer que no Renascimento as matrizes do Sistema de Arte se consolidam e, conseqüentemente, facilitam o surgimento do que chamamos hoje de Gestão em Arte.

Neste alinhamento tanto o Maneirismo, o Barroco e o Rococó, como escolas ou tendências que sucedem ao Renascimento, vão se beneficiar disso.

O resultado marcante deste processo vai se mostrar na constituição das Escolas de Arte, as Academias que, na França, serão chamadas de Belas Artes. Pode-se dizer que estas escolas são o resultado direto de consolidação deste Sistema de Arte promovido desde o Renascimento do qual o Neoclassicismo é seu herdeiro natural.

A partir de 1500 começam a surgir as Galerias e, mais tarde, no século XVIII os Museus cuja finalidade era tanto abrigar coleções quanto disponibilizá-las para o conhecimento público. Nesta altura dos acontecimentos já temos bem delineados os três elementos constituintes da base do Sistema de Arte.

Contemporaneamente este sistema é muito mais complexo e ampliado justamente por que as manifestações artísticas também se complexificaram e diversificaram de tal modo que as instituições tradicionais não as comportam em toda plenitude. Assim surgem os grandes certames expositivos de Arte, sucessores dos Salões, as Bienais e Documentas.

Para identificar melhor o Sistema de Arte pode-se tentar distinguir e encaixar alguns dos elementos subcomponentes dentro desta estrutura. Assim a instância da *Produção* integra os artistas, os produtores de arte, desde os primeiros tempos até a contemporaneidade, independente de tendências, escolas, estilos, movimentos e proposições.

A *Mediação* é constituída pelos próprios artistas que, em dados momentos, atuam também como agentes de promoção de seu próprio trabalho. Também é constituída pelos mercadores, comerciantes que incluíam entre seus produtos, além das especiarias, sedas, preciosidades e curiosidades, também peças de Arte. Mais tarde surgem os Marchands especializados em Arte.

O Marchand, termo francês que designa o comerciante especializado de Arte. Normalmente vinculado às galerias comerciais, mas também atuam como agentes de intermediação de compra e venda de Obras de Arte assessorando artistas e consumidores. Neste contexto atuam também as casas de Leilões promovendo eventos destinados a comercialização.

A comercialização de Obras de Arte se tornou um negócio importante no contexto atual como também um meio de especulação financeira. Nem sempre os valores praticados no ambiente especulativo corresponde a valores realísticos, são tratados como investimentos e não como obras. O valor negociado é apenas comercial e não artístico.

Ainda sob a ótica da Mediação pode-se pensar também na presença das instituições que promovem ou difundem a Arte sem fins comerciais, neste contexto estão as entidades como fundações museológicas ou culturais destinadas a difundir produtos ou ações artísticas. Investir em Arte mediante subvenção ou promoção de eventos nas diferentes áreas artísticas.

Neste alinhamento pode-se incluir também as instituições de formação artística como as escolas e universidades que mantêm cursos na área de Arte atuando como mediadoras entre o saber constituído, ao longo da história neste campo, e a sociedade. Atuam como mantenedores, aprofundadores e difusores deste saber, uma espécie de Mecenate institucionalizado.

Atualmente o Mecenato é visto por meio dos incentivos culturais promovidos por instituições privadas e públicas. Leis de incentivo a cultura promovem investimentos em Arte por meio da renúncia fiscal. Assim instituições particulares e empresas podem investir em ações artístico-culturais e abaterem valores em impostos municipais, estaduais ou federais.

Na sociedade capitalista e neoliberais há uma tendência predatória de considerar que o Estado não deve ser responsável pelos serviços públicos como a Saúde, Educação e Cultura. Tal sistema privilegia o mercado, a indústria, o comércio e, principalmente, as instituições financeiras, reduzindo os investimentos em projetos essenciais para o bem estar da população e aumentando a concentração e má distribuição de renda males do capitalismo...

O último elemento deste sistema é o *Destinatário*.

Tomando por base uma visão idílica, o Destinatário seria o que aprecia, respeita e valoriza a Arte e a criação artística e, num mundo ideal, o produtor teria por contrapartida de sua criação a valorização e aceitação de seu trabalho recebendo justa compensação por ele. Contudo, este mundo nunca existiu e talvez não venha a existir.

Se tomarmos a sociedade como um todo, ela se configura como um destinatário primário, já que a produção artística como produto cultural reside e reporta à sociedade seus anseios e conquistas. Assim temos as manifestações espontâneas, vernaculares, étnicas ou populares típicas das culturas mais fechadas, como na pré-história, por exemplo.

No entanto, tomando por base outros tipos de Destinatários. Um destes tipos é representado pelo consumidor de Arte. Ele pode ser um apreciador legítimo, aquele que adquire uma obra de Arte cuja motivação é o simples prazer, o gosto pela posse ou apreciação. Este talvez seja o mais genuíno e também mais raro.

Outro tipo de consumidor é o investidor. Aquele que adquire uma obra na expectativa de valorização do preço com a intenção de ampliar o capital ou mesmo de revendê-la com vistas ao lucro. Este é o tipo mais comum e recorrente no meio artístico. Se caracteriza como uma exploração do mercado de Arte, estimulando mais a especulação do que a cultura.

Um último tipo de Destinatário é constituído pelos eventos de Arte. Os Salões e Mostras nacionais ou internacionais atuam como destinatários na medida em que são motivadores de um tipo de produção artística que não tem ainda um público definido nem um “mercado” ou público interessado.

Os Salões são normalmente destinados a artistas iniciantes que usam este espaço para acessarem o Sistema de Arte.

Os grandes eventos como as Bienais e Documentas se destinam aos artistas mais consagrados dando-lhes celebridade e visibilidade internacional por mérito, reconhecimento ou pelas proposições que apresentam no diálogo com a contemporaneidade.

Postas estas diretrizes e orientações pode-se dizer que o Sistema de Arte atual reconhece a produção artística em vertentes diferentes que, por sua vez, ocupam nichos bem distintos na cultura e no mercado que diferem uns dos outros. Para explicar isto, pode-se tentar identificar algumas condutas para tipificar algumas categorias de produtores.

Para isto foram selecionados aqui alguns substantivos que pudessem identificar certas atitudes comuns de alguns produtores, são eles:

Amador; Anacrônico;
Autônomo; Coletivo;
Comercial; Performático.

Amador, é um praticante diletante. Investe em sua produção sem expectativa de retorno. Se orienta pelo prazer, portanto opta por condutas ou poéticas de interesse pessoal sem importar-se com o quaisquer referências históricas, estéticas ou conceituais. Aprecia cópias e cultua seus trabalhos e os usa como decoração ou para presentear.

Anacrônico, é aquele que, apesar de todas as transformações pelas quais a Arte passou nos últimos séculos, é autoral e ainda defende a tradição acadêmica. Assume o gosto clássico de vertente naturalista. Preza as habilidades técnicas, valoriza a performance virtuosística na execução das obras.

Autônomo, é aquele que investe em suas próprias competências, habilidades e performance. Sua produção é autoral e realizada dentro de parâmetros que não se afastam muito da tradição ou da modernidade. Se caracterizam dentro da Plástica com proposições mais conservadoras. Depende da Arte para sua manutenção e sobrevivência.

Coletivo, prioriza condutas que mobilizam grupos, a produção conjunta não autoral destinadas a intervenções no meio ambiente, performáticas ou instaladas.

Comercial, desenvolve suas obras, independente de conceito, proposição ou estilo. Prioriza a venda e procura atuar junto ao mercado de decoração e ornamentação.

Performático, atua, em geral, individualmente em proposições autorais na realização de performances que podem ser realizadas em ambientes abertos ou fechados, espontâneas ou dirigidas.

Atividade de Avaliação.

Como este material é usado como apoio pedagógico às aulas, ele contém dados e informações pertinentes ao conteúdo da disciplina e, deste modo, condensa as principais informações necessárias para a construção dos conhecimentos propostos pela disciplina.

A Avaliação é uma das atividades de reforço e tem por objetivo recordar os conteúdos apresentados e aferi-los.

Questões relacionadas aos conteúdos dessa parte.

1. O que é gestão?
2. O que é Gestão em Arte Visual?
3. Como se pode entender por Gestão em Arte na: Antiguidade; Idade Média; Renascença e na atualidade?
4. O que se pode entender por Sistema de Arte e suas instâncias?
5. O que é um artista?

Atividades de Reforço e apoio Pedagógico.

Leitura e Resumo deste material.

Leituras de Apoio e consulta:

ARGAN, Giulio Carlo. História da Arte Moderna.

ARGAN, Giulio Carlo, FAGIOLLO, Maurizio. Guia da História da Arte.

GOMBRICH, E. História da Arte.

<http://www.artevisualensino.com.br/index.php/textos>

Bibliografia complementar em Gestão em Arte Visual.

Guia do Artista Visual.

Cultura e Economia.

Economia Artisticamente Criativa.

Arte e Mercado – Greffe.

O que é um Artista?

Pense como um Artista.

Isso é Arte?

Elementos para pensar uma carreira profissional artística e criativa.

Significado do trabalho e carreira artística.

Colecionismo.

Arte e Mercado.

<http://www.artevisualensino.com.br/index.php/textos>